



A NOSSA VOZ: UM OLHAR SOBRE A CONSTRUÇÃO DE UMA PRÁTICA FEMINISTA E EMANCIPATÓRIA NO IFRS CAMPUS FELIZ

Michele Mendonça Rodrigues¹
Camila de Azevedo Moura²


Precisamos falar sobre machismo!... Assim começa a trajetória das mulheres envolvidas no projeto de extensão A nossa VOZ: precisamos falar sobre feminismo. Em 2016, após uma onda de violência contra mulheres noticiada amplamente nas redes sociais, servidoras do IFRS Campus Feliz foram convocadas por um grupo de mulheres estudantes a irem para as ruas da cidade e ecoarem suas vozes na comunidade, denunciando que não se calariam diante de assédios, violências e desigualdades de gênero propagadas na prática e veladas no discurso. Entre notícias de violação dos direitos das mulheres, o gatilho que motivou a manifestação das jovens estudantes foi o estupro coletivo de adolescente ocorrido no Rio de Janeiro, seguido das opiniões manifestadas por seus grupos de convivência (colegas, família, comunidade), além das barbáries lidas e compartilhadas nas redes sociais. Caminhadas, roda de conversa e oficinas sobre gênero foram as estratégias pedagógicas encontradas para que vozes abafadas pelo conservadorismo de uma região fortemente marcada pelo patriarcado e sexismo fossem escutadas.

O IFRS Campus Feliz, instituição pública de educação profissional e tecnológica, está situado na cidade Feliz, RS, na região do Vale do Caí, e as/os estudantes são oriundas/os de mais de 30 municípios, entre cidades da região metropolitana, Vale do Sinos e Serra, em grande maioria das cidades do Vale do Caí, região predominantemente colonizada por alemães, açorianos e italianos. Neste contexto, percebeu-se que, por compromisso educativo, ético e moral, não era possível deixar de dar visibilidade à demanda de opressão trazida pelas estudantes, e o auxílio para introdução e materialização do enfrentamento à realidade imposta pela cultura do machismo. A estratégia apresentada foi oportunizar o alargamento da discussão sobre gênero e violências, pautando o diálogo acerca de temáticas feministas e de gênero com a comunidade a partir da criação de um projeto de extensão que, na realidade institucional, é uma das melhores formas de aproximação com a comunidade. Assim, o

¹ Mestranda em Política Social e Serviço Social, UFRGS e IFRS, michele.rodrigues@feliz.ifrs.edu.br

² Graduanda em Licenciatura em História, UNISINOS e IFRS, camila.moura@feliz.ifrs.edu.br





projeto surgiu como uma forma de atender uma demanda que cresce a cada dia no contexto de nossa instituição, retratando um sintoma de uma sociedade machista, opressora e violenta.

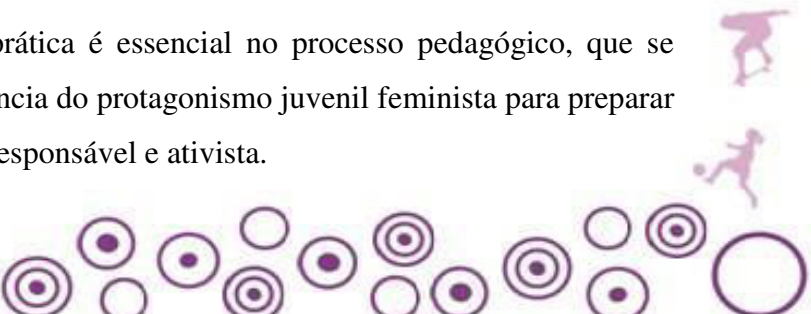
O projeto objetivou principalmente i) trabalhar questões de gênero, diversidade, educação e direitos humanos a partir da fomentação do protagonismo juvenil feminista, desconstruindo os estereótipos sexistas enraizados em nossa cultura; ii) capacitar estudantes do IFRS para atuarem como protagonistas nas ações do projeto, intervindo e mobilizando outras jovens, multiplicando o conhecimento construído em grupo; iii) oferecer oficinas em escolas da rede pública da região, propiciando um espaço inclusivo de construção coletiva para trocas de experiências, discussão e fortalecimento de uma postura de combate às desigualdades e luta por igualdade de direitos; iv) criar canais de diálogo e mobilização da comunidade sobre questões de gênero, diversidade, educação e direitos humanos.


Os pilares estruturantes do referido projeto de extensão foram os conceitos teóricos e ideológicos de protagonismo juvenil-feminino-estudantil, educação emancipatória e feminismo. As estudantes, bolsistas e voluntárias, foram convidadas para este desafio de construir horizontalmente as ações para a comunidade, estimulando, assim, a autonomia, a participação política e o protagonismo no planejamento e condução do projeto. Propomos, assim, oportunizar uma educação mobilizadora e emancipatória, promovendo uma cultura de combate ao machismo, respeito às diferenças, valorização da mulher, resistência à hierarquização social, posicionamentos que são de extrema relevância para o processo educativo de jovens.

Buscou-se direcionar o projeto para um rumo que favorecesse o desenvolvimento de um protagonismo juvenil, fomentado pela ideia de que há um cenário social onde cabe aos jovens atuarem de forma crítica e com papel central na prática pedagógica educativa. Diante disso, concordamos com a seguinte afirmação:

Se olharmos o protagonismo do ponto de vista da sua importância para o desenvolvimento pessoal e social do adolescente, ele é um direito. (...) Por outro lado, se olharmos o protagonismo do ponto de vista da família, da escola e da comunidade, não podemos deixar de percebê-lo como um dever. O chamado, a convocação ao envolvimento em questões reais da vida escolar, comunitária e social mais ampla, é antes de mais nada um apelo à consciência ética e ao compromisso cidadão do adolescente com a comunidade onde sua vida se desenvolve. (COSTA, VIEIRA, 2006, p.238).

Destarte, foi acreditando que a prática é essencial no processo pedagógico, que se consolidou a concepção quanto à importância do protagonismo juvenil feminista para preparar mulheres jovens para uma prática social responsável e ativista.





Para conceituar a ideia de educação emancipatória, nos valem de Freire (1985), que afirma que a educação emancipatória se dá em “[...] um processo pelo qual o educador convida os educandos a reconhecer e desvelar a realidade criticamente” (FREIRE, 1985, p. 125). Assim, a intenção em trazer esta ideia veio da crença política de que a educação pode ser realizada dentro de uma prática libertadora. É neste sentido que, amparada em Freire, Hooks (2013) acredita que a construção de uma educação antirracista, antissexista e anti-homofóbica é capaz de estimular o senso crítico, avançando para uma prática que liberte as minorias das opressões.

No que concerne à prática feminista, intencionou-se aproximar a ideia de um feminismo autônomo e auto-organizado, considerando que ao projeto foram agregadas estudantes bolsistas e voluntárias, sem determinar ou delimitar a ideia de um feminismo, mas sim construir uma prática feminista contundente e colaborativa. O único conceito prescrito ao projeto foi o do feminismo interseccional, em virtude da convicção do grupo em relação a este termo cunhado por Kimberlé Crenshaw (1989):

A visão de que as mulheres experimentam a opressão em configurações variadas e em diferentes graus de intensidade. Padrões culturais de opressão não só estão interligados, mas também estão unidos e influenciados pelos sistemas interseccionais da sociedade. Exemplos disso incluem: raça, gênero, classe, capacidades físicas/mentais e etnia. (CRENSHAW, 1989, p. 139).

Neste sentido, entendemos que a experiência aqui relatada consistiu em um espaço de construção colaborativa de conhecimento e práticas educacionais e ativistas, bem como um espaço de resistência dentro de uma sociedade machista, homofóbica, racista. Pode-se afirmar que a intenção de protagonismo se efetivou na dimensão prática e política da equipe de servidoras proponentes do projeto e das estudantes envolvidas, uma vez que pode ser percebida pelo grupo uma evolução no conhecimento teórico, o aprimoramento das estratégias de abordagem destes em sala de aula, com crianças e adolescentes, além do impacto social percebido na comunidade quando esta reconhece e apoia as ações do projeto.

O projeto de extensão conta com uma continuação em 2018, constituindo-se em um conjunto articulado de ações de extensão e projetos apoiados nas ações já realizadas em 2017, porém com uma organização que possibilita a realização de diferentes ações dentro da temática de gênero e sexualidade.





Referências

COSTA, Antonio Carlos Gomes da; VIEIRA, Maria Adenil. **Protagonismo juvenil:** adolescência, educação e participação democrática. Salvador: Fundação Odebrecht. 2006.

CRENSHAW, Kimberlé W. **Demarginalizing the intersection of race and sex:** a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. University of Chicago Legal Forum, 1989.

FREIRE, Paulo. **The politics of education:** culture, power, and liberation. Greenwood Publishing Group, 1985.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir:** a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira

Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

